

Lembranças fragmentadas: a Escola de Belas Artes de Pelotas relembrada a partir do seu acervo fotográfico

Katia Helena Rodrigues Dias¹

Raquel Santos Schwonke²

Resumo

Este artigo apresenta um breve panorama da trajetória da Escola de Belas Artes “Carmem Trápaga Simões” na cidade de Pelotas/RS. A construção da narrativa memorial dessa instituição se constituiu a partir da leitura de fotografias e documentos referentes a escola. As fontes documentais analisadas fazem parte do Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL e são aqui referenciadas como Coleção EBA.

Palavras-Chaves: Escola de Belas Artes de Pelotas, ensino de arte, fotografia, Arquivo Fotográfico Memória UFPEL.

A Escola de Belas Artes de Pelotas “Carmem Trápaga Simões” (EBA) funcionou entre os anos de 1949 a 1973 configurando-se como a primeira escola de nível superior em artes plásticas da cidade. Foi nesse período que o ensino de artes se consolidou e propiciou o surgimento de um sistema artístico em Pelotas, inserindo-a no contexto cultural das principais capitais do país.

Durante o período de 23 anos de atividade da escola muito se fotografou: registros de aulas, dos prédios onde ela funcionou, eventos como exposições, formaturas, posses, manifestações de rua, retratos, etc. Entre as temáticas fotografadas as mais recorrentes são referentes a eventos, sendo esses registros obtidos geralmente nas exposições de arte organizada por membros da referida instituição de ensino. A prevalência dada ao registro das exposições denota a importância desses acontecimentos no sentido da representação simbólica do sucesso alcançado pela escola, sendo as obras produzidas o resultado concreto de tal sucesso.

Toda essa produção está sob os cuidados do Arquivo Fotográfico Memória da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) que foi criado em janeiro de 2009 cujos objetivos são a salvaguarda, tratamento do substrato físico da imagem e sua informação, bem como a acessibilidade dos acervos fotográficos das diversas instituições de ensino da UFPEL. Esse

¹ Graduada em Artes Visuais - Licenciatura (UFPEL), mestranda do curso em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL), helenadias.iad@gmail.com

² Graduada em Artes (UFPEL), Mestre em Educação (UFPEL). Professora Assistente da Universidade Federal de Pelotas, r.schwonke@gmail.com

arquivo está organizado por coleções sendo o conjunto fotográfico em questão denominado como Coleção EBA.

O conjunto fotográfico da coleção EBA é formado por 261 fotografias preto e branco obtidas ao longo de sua trajetória por pessoas que fizeram parte da instituição. Sendo assim, são imagens representativas do ponto de vista de seus membros, os personagens de sua história. Além de fotografias, a coleção EBA é constituída por diversos tipos de documentos administrativos, entre eles atas, correspondências, currículos, estatutos, ofícios, regimentos, requerimentos, memorandos, etc, constituindo em sua totalidade um significativo material de consulta na construção dessa narrativa.

A narrativa memorial da Escola de Belas Artes de Pelotas “Carmem Trápaga Simões” aqui escrita foi embasada a partir das fontes que, neste caso, são os registros documentais e fotográficos provenientes da própria instituição. A leitura e análise desse conjunto documental permitiram a construção de uma narrativa memorial acerca da escola. Assim, os primeiros passos nessa direção objetivaram tecer uma trama dos principais eventos alusivos à estruturação e consolidação do ensino de artes na cidade de Pelotas.

Escrever sobre a história da Escola de Belas Artes de Pelotas sem antes mencionar a presença e ação de uma mulher de fundamental importância na criação de um curso superior de artes plásticas na cidade é como não contar a história da escola. A professora de desenho do colégio Assis Brasil, Marina Pires (figura 1) foi a idealizadora e diretora da instituição durante os 23 anos de sua existência, sem a sua determinação e persistência talvez a cidade de Pelotas não tivesse tido uma Escola de Belas Artes.



FIGURA 1 – Retrato da 2ª turma da EBA, sentada ao centro Marina Pires, 1954.

Fonte: Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL

A trajetória da Escola de Belas Artes de Pelotas teve início a partir da segunda metade da década de 1940 através da iniciativa organizada por Marina Pires fortalecida através de laços junto a pessoas com influência na política da cidade. Os primeiros passos nesse sentido foi o envio de cartas, projetos, ofícios direto da Prefeitura de Pelotas pleiteando licença de funcionamento da escola ao Ministério da Educação e Cultura. Para isso a própria Marina Pires viajou até a então capital do Brasil, Rio de Janeiro, portando um ofício assinado pelo prefeito cujo teor era uma solicitação de apoio do governo federal para a criação de uma escola superior de artes na cidade de Pelotas. Justificada pela carência de tal ensino numa cidade cuja demanda cultural necessitava de instrumentalização. Mesmo dispondo de muitos artistas importantes como Leopoldo Gotuzzo e Antonio Caringi a cidade estava carente de uma instituição educacional voltada especificamente às artes plásticas.

A resposta não tardou a chegar, em agosto de 1946, o Ministério da Educação enviou mensagem ao prefeito de Pelotas comunicando que a criação de escolas de ensino superior estava regulamentada pelo decreto-lei 421. Assim, para receberem autorização de funcionamento, as escolas deveriam preencher alguns requisitos:

A autorização deverá ser solicitada ao Ministro de Estado da Educação e Saúde e deverá o requerimento ser acompanhado de documentação que prove a satisfação das exigências do artigo 4º do referido decreto-lei, que são: 1- prova de personalidade jurídica: certidão de registro da sociedade em cartório e estatutos da sociedade; 2- prova de capacidade financeira: balanço (ativo, passivo, demonstração de contas com despesas gerais e lucros e perdas); 3- edifícios e instalações: planta baixa e fotografias do edifício e relação do material didático; 4- relação do material escolar e de secretaria; 5- relação do pessoal (diretor, secretário, tesoureiro e contador, sendo que este deve ser registrado na D.E.C.); 6- regimento interno da escola; 7- curriculum vitae do corpo docente; 8- limite de matrícula para cada série; 9- condições culturais da localidade; 10- real necessidade do curso (carta do MEC, 1947)

Consta, no entanto, que tais exigências não tinham como ser cumpridas, ao menos de imediato. Foi então que, em agosto do ano seguinte, Marina Pires escreveu outra carta, então endereçada à Secretaria da Educação e Cultura do Estado, no intuito de sugerir primeiramente a criação de um curso preparatório para a Escola de Belas Artes. Sendo essa a solução encontrada para o pronto funcionamento do curso. Uma vez atendida, no início de 1948, Marina Pires solicitou apoio financeiro para contratar três professores para o referido curso preparatório.

Já no ano de 1949, e ainda sem atendimento para seu pedido, a prefeitura municipal de Pelotas concedeu uma verba mensal para a escola. Esse fato, ainda que não garantisse o pleno funcionamento de uma escola, foi a mola propulsora para a criação oficial da EBA. No mesmo período, o conceituado pintor italiano Aldo Locatelli estava na cidade para executar um afresco na Igreja central de Pelotas. Na ocasião, o artista foi convidado por Marina Pires para lecionar desenho e pintura na nova instituição que se pretendia inaugurar. Evidentemente que a aceitação do convite seria de imensa importância para a escola, servindo de estímulo não apenas à concretização dos projetos de Marina, mas também à qualificação do curso em estruturação, o convite foi aceito. (MAGALHÃES, 2008).

A fundação da Escola de Belas Artes ocorreu em 19 de março de 1949 nas dependências da Biblioteca Pública Pelotense e em 1951, a EBA teve seus estatutos registrados pela lei municipal 227, sendo declarada instituição de utilidade pública. A partir de 1956, a escola recebeu inspeção federal e, em 1960, obteve reconhecimento e aprovação do governo federal para seus cursos de pintura e escultura, tudo promulgado pela lei 48903.

Apesar da autorização para funcionar, as dificuldades continuaram, ainda não havendo instalações ideais para a prática do ensino das artes. A instituição se enquadrava no modelo de

ensino superior de natureza privada, mas o ensino era totalmente gratuito e a manutenção advinha de auxílios provenientes dos poderes públicos, além de recursos dos próprios dirigentes e professores da escola, que muitas vezes ali ficaram sem o recebimento do devido salário.

Durante os primeiros anos, não havia prédio próprio onde os professores e alunos pudessem estabelecer suas atividades. Por isso, no início das atividades, a Biblioteca Pública Pelotense emprestou uma sala para as aulas e, posteriormente, a escola também usou prédios alugados. Com o crescente desenvolvimento do curso e suas projeções a EBA precisava de um espaço com melhores condições. O reconhecimento de tal necessidade resultou, em 1960, na doação, pela Prefeitura, de prédio anteriormente ocupado pela Escola de Agronomia. Houve, contudo, divergências, e algumas pessoas influentes e poderosas impediram a doação, ocasionando, ainda em 1960, uma aula protesto (Figura 2). A aula aconteceu defronte ao prometido imóvel, sem, contudo, surtir qualquer efeito. O litígio quanto à doação do prédio da Escola de Agronomia não se resolveu e devido à grande demora na solução do impasse, em 1963, Carmem Trápaga Simões doou seu palacete residencial para uso da escola, que passou, a partir de então, a funcionar na Rua Marechal Floriano, 177 e 179. Foi somente a partir desse ato generoso que a escola passou a ter sede própria (Figura 3).



FIGURA 2 – Aula Protesto em frente a Escola de Agronomia Eliseu Maciel, 1960

Fonte: Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL



FIGURA 3 – Prédio doado a EBA pela Srª Carmem Trápaga Simões, 1963.

Fonte: Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL

As dificuldades enfrentadas nos primeiros anos foram além da carência de um espaço físico apropriado, pois faltavam recursos financeiros para a contratação de funcionários e pagamento de salário aos professores. Tal situação se prolongou por longos anos, não impedindo, porém, que a permanência e sucesso da escola fossem alcançados. Por ela passaram muitos nomes que no futuro se destacariam como artistas em Pelotas e noutras regiões do país. Além disso, a instituição capacitou profissionais que se dedicaram ao ensino de arte na própria escola e também em outras escolas, socializando, assim o fazer artístico e propiciando a um número maior de pessoas o conhecimento e compreensão de seus códigos.

Cabe ainda ressaltar a importância da escola na formação gradativa e efetiva de um sistema de artes na cidade. Desde o primeiro ano de funcionamento fizeram-se exposições regulares com trabalhos de alunos e professores (figura 4 e 5), bem como novos professores foram capacitados para ministrar arte nas escolas de nível fundamental e médio.



FIGURA 4 - Exposição de Pinturas do Profº Nesmaro, 1970.

Fonte: Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL



FIGURA 5 – Exposição de alunos, 1967.

Fonte: Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL

Fotografias, independente das circunstâncias nas quais foram produzidas, possuem um caráter memorial. O ato de fotografar está vinculado quase que instantaneamente ao ato de rememorar, ou seja, lembrar de acontecimentos passados. Acontecimentos esses vividos ou

não pelo observador das imagens, impõe-se assim, a fotografia em uma condição essencialmente memorial na qual é possível construção de muitas narrativas.

A narrativa memorial, proposta nesse trabalho foi construída a partir da leitura e análise das fotografias da coleção EBA que representam, em seu conjunto e em certa medida parte da história dessa instituição. Ao olharmos essas imagens podemos observar muitas semelhanças nas poses, tipos de vestimentas, nos locais, nos objetos e ocasiões, bem como nas pessoas fotografadas, as quais estão presentes em muitas dessas fotografias, configurando-as como personagens importantes dessa história. Essas fotografias em seu conjunto configuram-se como uma narrativa visual construída a partir de um ou mais olhares, sendo o que está ali registrado um aspecto, uma aparência, são fragmentos de uma existência.

Referências

- BAUMGART, Fritz. **Breve História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos descaminhos do imaginário: A tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. Dissertação, Mestrado, UFRGS, 1996.
- FRANCO, Janice P.C. **Memórias de Marina**. Pelotas: Mundial, 2008.
- MAGALHÃES, Clarice R. **A Escola de Belas Artes de Pelotas: da fundação à federalização (1949-1972) - uma contribuição para a história da educação em Pelotas**. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL: 2008.